

JÓN KALMAN STEFÁNSSON

Aproximadamente do Tamanho do Universo

«Stefánsson comunga da grandeza elementar
de Cormac McCarthy.»

Times Literary Supplement



cavalo de ferro

Prólogo

Deixemos algo bem claro antes de avançarmos e nos embrenharmos no que não compreendemos, no que não toleramos mas desejamos, naquilo que tememos e em simultâneo esperamos alcançar, e é importante clarificarmos isto para termos alguma coisa a que nos agarrar: estamos em Keflavík. Uma vila idiossincrática e remota, com poucos milhares de habitantes, um porto vazio, desemprego, *stands* de automóveis, carrinhas de comida de rua, uma povoação tão plana que, vista do céu, mais se assemelha a um mar estático. Em manhãs serenas, o Sol nasce como uma erupção vulcânica silenciosa. Vemo-lo quando o seu fogo surge atrás das montanhas distantes, como se algo gigantesco se erguesse das profundezas. É uma força capaz de içar o céu e alterar tudo, vemo-la quando a noite escura dá lugar ao fogo. Depois o Sol ergue-se. Ao início, como uma erupção vulcânica que varre as estrelas no céu, esses cães amistosos, e ascende majestosamente acima da península de Reykjanes. O Sol ergue-se devagar, e nós estamos vivos.

Keflavík

— PRESENTE —

*E o destino entra lentamente em movimento,
mas está a nevar nas ruas vazias de Keflavík,
sobre o desemprego e os cartazes publicitários*

A nossa tia-avó – minha e do Ari – não tinha grande fé nos hábitos antigos, o que no fundo talvez não seja mais do que uma expressão educada para a superstição e a ignorância, a menos que, pelo contrário, estes hábitos antigos constituíssem, de facto, uma forma de sabedoria que nos permitiu sobreviver neste país difícil, nesta grande ilha solitária. As pessoas e o destino raras vezes lhe haviam mostrado compaixão, e ela escreveu um só poema acerca dessa implacabilidade da vida. O poema centrava-se na sua filha, Lára, que morreu com apenas oito anos, vítima de uma doença grave. Apesar da idade, Lára parecia conhecer o desfecho da situação e mostrara-se forte e inquebrável, mas, por fim, não aguentou mais, arregalou os olhos, abraçou a mãe e, amedrontada, perguntou-lhe: Mãe, achas que morrer dói? Mãe, vou ficar sozinha? A nossa tia-avó, a quem todos chamavam Lilla, sorriu e disse: Não, querida. Estaremos sempre juntas. Nunca irei abandonar-te. Foi-lhe difícil mentir, sorrir e continuar a sorrir para se certificar de que a filha veria algo bonito nos seus últimos momentos de vida e assim acreditasse que a morte era unicamente um passo ao lado, uma interrupção momentânea da felicidade, e não receasse que a morte fosse um monstro cruel e horrendo que vivia na montanha escura sobranceira à aldeia. Lilla continuou a sorrir, mas não conteve as lágrimas que lhe caíam sem cessar dos olhos cinzentos. Abraçou Lára e sentiu a sua curta vida esmorecer, abraçou-a com toda a força do amor, uma força incomensurável e mais antiga do que a lava com setecentos anos que ela via da sua janela em Grindavík. Abraçou-a com força, mas a morte puxou-a com muito mais força no sentido oposto, porque a morte acaba inexoravelmente por puxar tudo para si: flores e sistemas solares, mendigos e presidentes. Lilla sentiu como o amor, as lágrimas e o desespero de nada valiam, como não há qualquer justiça na presença da morte, apenas o fim, e depois escreveu o seu poema, não pôde deixar de o fazer, uma força imparável

impeliu-a a escrevê-lo enquanto abraçava o magro corpo de oito anos, há muito que oferecera a sua vida em troca da da filha, oferecera a sua felicidade, a sua saúde, as suas recordações, tudo, mas ignoraram-na em absoluto. Nada fez diferença, e a única coisa que Lilla pôde fazer, a única coisa que pôde oferecer à sua filha, foi abraçá-la enquanto as lágrimas lhe escorriam pelo rosto e rezava uma oração atrás da outra, orações tão sentidas e puras que se torna difícil compreender como não mudaram o desfecho da situação. Talvez não exista o mais pequeno vestígio de justiça neste mundo. Então, talvez por isso, escreveu o poema sobre a sua filha. Escreveu que ela era uma menina de oito anos, com cabelo loiro encaracolado, testa larga, olhos azul-claros, um narizinho bonito e uma boca que, sorrindo, era capaz de aplacar toda a fúria do mundo e transformá-la numa pedrinha escura que qualquer pessoa poderia atirar para longe.

O irmão mais novo de Lilla era poeta, e a sua irmã também, mas Lilla nunca conseguira escrever poesia, tal qual o seu irmão mais velho, o meu avô e avô do Ari, nunca conseguira escrever uma só palavra até ao momento em que tudo desabou. Um poema, duas estrofes, e o mundo morreu.

Um ano depois, o marido de Lilla deixou-a. Era como se ela já não tivesse nenhum interesse pela vida, como se não pensasse em ter mais filhos nem em conversar com o marido, ele raramente conseguia estar com ela, quanto mais tocar-lhe. Acusou-a de ser uma fanática do luto, foi isso que lhe chamou – uma fanática do luto. Eu já devia ter adivinhado, disse ele, furioso, quase cuspiendo as palavras. Avisaram-me muitas vezes acerca da tua família, disseram-me que são artistas desprendidos, fanáticos, instáveis e neuróticos. Quero continuar a viver, será isso um crime, uma traição? A tua tristeza está a matar-me.

E ele, de olhos cintilantes, bateu com o seu grande punho na mesa e pareceu, de repente, refrear as lágrimas. Mais tarde, tornou-se um próspero armador de navios, famoso em todo o país, e é mencionado na história de Grindavík, conquanto nesta não figure uma única palavra sobre Lilla, é assim a vida, recordamos a riqueza, não a tristeza. Ela regressou a Reiquiavique. Juntou a bagagem de toda a sua vida numa só mala, uma muda de roupa, quatro livros, a caixinha de rapé do seu pai, que falecera na véspera do seu crisma, caindo, perdido de bêbado, às águas do porto de Reiquiavique, rindo-se enquanto mexia

os braços e as pernas no mar frio, e sendo recolhido algum tempo depois pelos seus companheiros de bebedeira, que não paravam de rir, porque o pai de Lilla, o meu bisavô e do Ari, parecia uma alforreca fantasmagórica ou um peixe infeliz na água, foi recolhido tanto tempo depois que adoeceu, contraiu uma pneumonia e morreu. Ela não levou nada mais na mala: uma muda de roupa, quatro livros, a caixinha de rapé, uma fotografia de Lára, dois conjuntos de roupa da filha, a sua boneca, quatro desenhos e o poema que, posteriormente, Lilla dactilografaria e colocaria debaixo da fotografia. E, por fim, a culpa de ter traído Lára por continuar a viver, ao invés de morrer com ela.

A fotografia e o poema eram sempre as primeiras coisas que Lilla pendurava na parede quando se mudava para um novo apartamento na cave ou no sótão, quando se mudava para um novo tugúrio, o que fazia amiúde, pois mudou-se vinte e seis vezes em pouco mais de quarenta anos. Quase como se estivesse em fuga e nunca passasse mais de dois anos em lado nenhum. A primeira coisa que sempre fazia era pendurar a pequena fotografia de uma menina de sete anos sorridente encostada à parede de uma casa em Grindavik, uma fotografia tirada nos anos em que fazia sol. A fotografia ficava pendurada acima do sofá verde, o poema colado em baixo e os quatro desenhos dispostos à volta. Com o decorrer do tempo, a fotografia e o poema tornaram-se as únicas coisas capazes de recordar ao mundo a passagem da filha de Lilla pela terra. O Ari e eu bem cedo decorámos o poema, fizemo-lo de livre e espontânea vontade, sem pensarmos realmente no que fazíamos, sentámo-nos inúmeras vezes nas poltronas diante do sofá e, enquanto bebíamos chocolate quente e mordiscávamos bolachas que a gentil Lilla nos dava, fomos, aos poucos, absorvendo o poema. Quando, já idosa e debilitada, Lilla descobriu, por acaso, que sabíamos o poema de cor, perdeu a compostura e, firme como era, começou a estremecer, a balançar para a frente e para trás, como que para se acalmar, mas depois irrompeu em lágrimas, indefesa diante de nós, como se só aquele poema impedisse o esquecimento total da sua filha. Como se, enquanto o poema existisse neste mundo e alguém o conhecesse, Lára estivesse a salvo no além. Alguém cuidaria dela quando as trevas estivessem repletas de ameaças. O poema era, portanto, uma espécie de mensagem que alcançava o espaço indefinido entre a vida e a morte, que alcançava a menina de oito anos que esperava a mãe algures para lá da nossa compreensão, que a alcançava, lhe tocava e

dizia: Pronto, pronto, está tudo bem, a mãe já vem, em breve irá morrer e não tardam, as duas, a apanhar flores outra vez.

Mudou-se vinte e seis vezes, de uma cave para uma mansarda, de uma mansarda para uma cave, e, antes de se deitar pela primeira vez numa nova habitação, Lilla contava as janelas, uma, duas, três, quatro, cinco, porque então os sonhos nocturnos tornavam-se reais, as crenças antigas, as superstições, a velha bagagem, ela quase só acreditava nisso, que os sonhos tinham um poder que a consciência plena ou a lógica não reconheciam, e, quem sabe, talvez acordasse de manhã e visse o sorriso da filha, que teria ainda oito anos décadas depois, na morte ninguém envelhece, o tempo não passa na eternidade, aí o seu poder ilimitado reduz-se ao nada. O certo é que o Ari e eu adoptámos essa sua prática de contar as janelas de qualquer habitação onde dormíssemos pela primeira vez, ainda que temporariamente, acreditando que esse simples acto pode transformar os sonhos em realidade e assim quebrar as leis naturais. Conto as janelas da casinha de madeira com dois andares do meu tio, situada no bairro antigo de Keflavík. Para o fazer, tenho de sair para a neve, uma neve densa a ponto de fazer desaparecer Keflavík por inteiro. Regresso ao interior completamente branco, uso um véu angelical como se houvesse sido abençoado, e o gato do meu tio sibila como se fosse uma víbora, mas deito-me após tapar o meu tio, que adormeceu na poltrona ao ouvir os Hljómar cantar «Estar vivo é do outro mundo», o que não deixa de ser uma afirmação ousada. Tapei-o, bati duas vezes nos modelos de avião – caças de combate americanos – presos ao tecto por fios esguios. Contei as janelas, a neve das minhas roupas derreteu, fechei cuidadosamente a porta do quarto para impedir que os gatos entrassem e me arrancassem os olhos à unhada, depois deito-me na cama, que mais parece um sofá-cama antigo, e adormeço. Embora durma, ouço o mar, está lá fora, sob a neve, não muito abaixo da casa, é o maior instrumento musical do mundo, o Destino e a Morte fazem parte da sua melodia como dois opostos – o reconforto e a violência. Mergulho lentamente no sono e o marulho do oceano mistura-se com os meus sonhos. O oceano que foi outrora o lar de Oddur, o avô paterno do Ari, ele observava o oceano e assim se libertava. A última coisa que ouço antes de o sono me levar, antes de os meus sonhos me envolverem, é o meu tio a falar, enquanto dorme, na sala de estar no andar acima. Depois ri-se com alegria.

Durmo.

Tal qual o Ari, que está a pernoitar no Hotel do Aeroporto. É-lhe fácil contar as janelas, não tem como evitar saber quantas são, pois não passam de duas, contudo, essas duas janelas estão completamente embaciadas. Tudo o resto desapareceu, os habitantes de Keflavík podem, por um momento, fazer uma pausa do mundo, que já não existe. Existem apenas flocos de neve e o ar entre eles. Apenas neve que cai e a brancura do céu. Mensagens, beijos que derretem nas nossas fronteiras. Tudo o resto desapareceu, as estações de combustível, as lojas ao longo da estrada, o Cinema Novo, a Hafnargata, a Hringbraut, que dista um pouco mais, o desemprego, o porto vazio, as decorações de Natal, a acumulação de tralhas. Nada resta além da neve, que implacavelmente engole tudo esta noite e, ao fazê-lo, une a terra ao céu, algo quiçá mais importante do que nos apercebemos, porque as crenças antigas, muito mais antigas do que contar janelas para realizar sonhos, bem mais antigas, de uma época em que não existiam janelas nem sequer casas, indicam que em noites assim, calmas e com tanto orvalho, não há separação nem diferenças entre terra e céu, e os mortos conseguem falar com os vivos. Os flocos de neve transformam-se em mensagens dos mortos: Ainda te amo; Meu Deus, tenho tantas saudades de ti; Estou bem; Ótimo mesmo, obrigado; Aqui há café do bom e as vistas são espectaculares; Espero que apodreças no Inferno; Não percas tempo nem energia com trivialidades, faz antes alguma coisa incrível, vale sempre a pena tentar, e o esforço torna-te linda; Lembra-te de vestir roupas quentes amanhã de manhã, vai estar frio e não podes constipar-te.

O Ari não ouve nada disto, porque está a dormir.

Acabou finalmente por adormecer depois de ler o artigo de Sigga, que estava anexado à carta da sua madrastra, um artigo sobre o poder que os homens exercem sobre as mulheres, sobre o poder de que os homens se apropriam, um artigo que inclui um relato da violação de Sigrún. O Ari e eu vimos Kári levá-la da festa para o seu *Lada*, e vimo-lo violá-la. Ela tinha apenas dezasseis anos, ele tinha trinta e tal e dois filhos. A verdade é que interpretámos mal o que aconteceu, vimos o carro balançar de um lado para o outro e as nádegas dele através do vidro de trás, as suas nádegas peludas, pálidas, pareciam dois anões. Assim que terminou de ler a carta, o Ari chorou, embora não tenha chorado logo. Ao início, ficou atónito, não se conseguiu

mexer e depois deambulou pelo quarto de hotel, cego de fúria, vergonha, asco, e atirou-se para a cama, de onde fitou o tecto, praguejou, esfregou a cara e sentiu-a húmida com lágrimas. Pensou, com uma certa surpresa, que estava a chorar. Recompôs-se. Chorou. Releu a história de Sigrún. Pesquisou-a *online* e encontrou quatro fotografias dela. Parecia, sem dúvida, em todas as quatro fotografias, mais velha do que há quinze anos, mas isso pouco importava, pois o Ari lembrava-se perfeitamente de como ela se mexia no matadouro na região Oeste, em Búðardalur, a aldeia estagnada com pouquíssimas árvores, onde a roupa seca nas cordas e as pessoas se viram e reviram no sono — e, enfim, onde não se passa mais nada. Sigrún mexia-se de tal maneira que não tínhamos como não a amar, era impossível não a amar. O Ari sonhava partilhar a vida com ela e fazíamos-la rir-se às vezes, o que nos deixava extasiados. Ela entrou no carro com Kári, que lhe puxou as calças para baixo e se enfiou nela, violou-a enquanto nós, sentados num *Land Rover* estacionado nas proximidades, vimos o *Lada* balançar de um lado para o outro, vimos as nádegas de Kári, ouvimos a música dos Brimkló e sentimos pena de nós mesmos. O Ari deitou-se na cama com um saco de guloseimas à frente, uma garrafa de uísque prendia a carta da madrastra, que quase não leu, contava lê-la antes de dormir, mas não foi capaz. Embora exausto, extenuadíssimo, demorou uma eternidade a adormecer. Não fechou as cortinas, pois ver a neve a cair relaxava-o, não fazia ideia de que os flocos de neve poderiam ser mensagens dos mortos: Não te esqueças de te tapar bem na cama para não apanhares frio. O coração batia-lhe descompassado, tinha os nervos em franja, mas a neve caindo conseguiu, por fim, serená-lo. Acalmou-o, adormeceu-o, agora está a dormir. Como regressou à Islândia depois de passar pouco mais de dois anos na Dinamarca, reparou que as montanhas no outro lado do céu se assemelhavam a flores gigantescas e, em seguida, teve de se debruçar numa velha carteira de escola para que Ásmundur, o nosso primo e antigo modelo de vida, pudesse enfiar-lhe o seu grosso indicador no ânus. Está a dormir. A garrafa de uísque prende a carta da madrastra, ao lado está o certificado de honra de Oddur, como se fosse uma mensagem importante que ele terá ainda de decifrar.

Antes de mergulhar por completo nos sonhos, o Ari pensou em Lilla. Provavelmente porque pensou: Duas janelas, uma, duas, pronto, já as

contei, agora os meus sonhos vão realizar-se. E se sonhar com algo mau, perverso, Deus do céu, e se sonhar com a morte de alguém, se tiver um pesadelo em que os meus filhos morrem? Oh, Lilla, pensou ele ao abanar a cabeça, e então ela apareceu à sua frente, baixa, calma, em criança e na juventude fora muito jovial e activa, mas a tristeza abatera-a. Estava sempre calma, era assim que a conhecíamos, gentil, serena, mas às vezes os olhos cintilavam-lhe, como se ansiassem mais vida, felicidade. Ela tinha as mãos mais calorosas que o Ari alguma vez sentiu, como se conseguisse reconfortar toda a gente com elas, mas não se perdoasse por haver continuado a viver após a morte da filha, por tê-la deixado para trás nas mãos da morte, por não se ter esforçado o suficiente para a resgatar, por não a ter amado o bastante, que tipo de pessoa não consegue salvar a própria filha? Ela apareceu ao Ari quando ele estava a dormir, acariciou-lhe a testa com a palma quente e calosa da sua mão, reconfortou-o, tranquilizou-o, embalou-o com olhos gentis mas tristes, porque os mortos como ela estão condenados ao silêncio e necessitam de nós para comunicar.

Neva em Keflavík.

Neva sobre o desemprego, as ruas vazias, uma casinha de madeira com dois andares no bairro antigo e o hotel que construíram nas ruínas da fábrica de congelados do Skúli *Milhão*, neva nesta vila que guarda recordações, os meus rastos e os do Ari, neva sobre o prédio onde mora Jakob, o pai do Ari, mas ele talvez não esteja a dormir, talvez esteja acordado a ouvir música, a pensar na sua vida, que se aproxima do fim, que se aproxima do mundo das trevas. Nasceu a leste, em Neskaupstaður, e uma vez ficou esquecido na praia, quase inconsciente, ainda não tinha um ano de idade, a sua mãe, Margrét, acabou de o atirar para o lado e lança-se ao mar. Está acordado a pensar na vida, ou não pensa na vida, evita pensar na vida. Não consegue dormir, ou não se atreve a dormir, receia dormir, no sono somos vulneráveis, o sono é uma ferida aberta na qual todas as nossas defesas se desmoronam.

Norðfjörður

— PASSADO —

*Como é possível criar uma tão grande calma,
será essa a maior dádiva, o apogeu da criação?*

Decorreram anos.

Talvez não muitos mas alguns, e o tempo muda tudo, rápida e lentamente, algumas pessoas morreram, outras nasceram. Damos por nós entre guerras mundiais, durante um intervalo de vinte e um anos a Humanidade teve ideias de que o Diabo não se lembraria. Passaram-se poucos anos desde que Oddur saiu do barco nu, com Tryggvi completamente vestido nos braços. Foi numa noite fria e estrelada de Novembro, Tryggvi atirara-se ao mar, queria nadar até à Lua, porém o corpo começara a parar, a afundar, quando Oddur conseguiu pô-lo de novo a bordo, voltou a toda a brida para terra, seguiu ao leme todo nu, pois vestira a Tryggvi as suas roupas, tudo o que estava a usar, e depois carregou-o nos braços até terra e à aldeia, já vos contamos tudo isto. Temos de recordar algumas coisas, pois esquecemo-nos de muitas outras, estavam os dois tão embriagados com conhaque francês que não lhes restava o mínimo vestígio de pensamento racional. Além disso, Tryggvi estava mais próximo da morte do que da vida, por conta do mar gelado, e teria muito provavelmente morrido ali, sob todas as estrelas, o próprio Oddur estava enregelado até aos ossos, só dizia baboseiras, não tinha um só pensamento coerente na cabeça, se Áslaug, uma rapariga de Vatnsleysuströnd, uma rapariga que fugira de casa e procurava aventuras em Norðfjörður, não os tivesse visto. Eu vi-te, disse ela, mais tarde, a Tryggvi, estavas quase inconsciente nos braços de alguém que, ao início, julguei ser uma sereia ou um tritão saído das profundezas do mar para me trazer aquilo que eu desejava.

Ela contava amiúde, a Tryggvi e às suas filhas, esta história, que havia acordado de um sonho estranho, que saíra para urinar ainda meio adormecida e que os vira a chegar. Nunca se cansou de repetir esta história, contou-a pela última vez quando, já idosa, estava internada no hospital de Keflavík e a morte a ceifou, conseguiu contá-la

mais uma vez, como se quisesse deixar a história para trás, com vida, como se quisesse contar como tudo começara entre eles. Ela levou-o para o sítio onde estava alojada, era uma mulher forte, despiu-o, aqueceu-o com a sua carne, e aos poucos surgiu o desejo, depois o amor, e o resto foi felicidade.

Passaram-se anos, e os dois cunhados estão a pescar a centenas de quilómetros de casa, a sul do glaciar de Vatnajökull, acabaram de lançar as linhas e estão ansiosos por fazer uma pausa.

É um dia calmo, ameno, há somente uma brisa ligeira, como se Deus não houvesse prestado muita atenção ao tempo. Ou como se a sua própria criação o tivesse maravilhado, em especial o glaciar branco que se ergue sobre a terra, o mar e os pescadores a bordo do *Sleipnir* ao largo do Norðfjörður. Como é possível criar uma tão grande calma, será essa a maior dádiva, o apogeu da criação, criar o que mal existe e nada faz, o que mal toca no que quer que seja e, no entanto, tudo muda? Transforma o mundo num silêncio belo e, ademais, toca bem no fundo destes pescadores do Norðfjörður, que arrancam bacalhaus às profundezas invisíveis ao largo do Hornafjörður, o sítio aonde os barcos do Norðfjörður se têm de dirigir em pleno Inverno. Ausentam-se semanas a fio, trabalham longe de casa, longe do seu amado Norðfjörður, provavelmente o fiorde mais bonito do país, do mundo, e que não fazemos nós por aqueles malditos peixes, sobretudo pelos bacalhaus, mais vale dar um tiro na mioleira e acabar com o nosso sofrimento se o bacalhau desaparecer. Lançaram as linhas, os esforços aqueceram-nos, mas o frio incomoda-os enquanto escutam, com um sorriso, Tryggvi, estão ansiosos por descansar agora que as linhas apanham peixes no mar. Daqui a três ou quatro horas vão puxar a linha, esperar que Rúnar, o cozinheiro, lhes faça o jantar, e então poderão descansar, fechar os olhos um pouco, batem com os pés, têm os dedos enregelados, a calma e o silêncio são tais que ouvem um baque sempre que alguém se peida em terra, a muitos quilómetros de distância, isto a acreditar nas palavras de Tryggvi. Ele está em forma, fala, os outros escutam-no, Oddur acabou de ameaçar lançar Tryggvi borda fora, içá-lo como a um bacalhau e amanhã-lo caso ele não se cale. Þórður ouve o pai amaldiçoar e ameaçar Tryggvi, mas percebe também que a barba lhe esconde, em parte, um sorriso.

Oddur pusera o filho mais velho a trabalhar como ajudante no barco algumas semanas antes. Þórður trabalhara quase um ano como ajudante no barco do velho Guðmundur, o comandante mais velho de Norðfjörður, um líder indomável com um corpo gigantesco, que, no Inverno anterior, pescara bacalhau com a sua tripulação. Algum bicho grande está a morder, bradou o velhote numa voz tão cava que os seixos no leito marinho, vinte metros abaixo, estremeçeram. Caraças, é a isto que chamo uma pescaria das boas!, disse Guðmundur quando o cabrestante estalou e rangeu, como se se queixasse do peso a mais, de ser injusto que lhe coubesse em sorte todo o trabalho de içar o peixe, Guðmundur saltou para o cabrestante, agarrou a linha, a maquinaria nunca fora o seu forte, sempre confiara na força das mãos, tenho nelas plena confiança, amaldiçoou o cabrestante, endireitou os ombros, essas bestas de carga, e aplicou a sua força descomunal para puxar o grande peixe das profundezas, conquanto tenha descoberto que não se tratava de um bacalhau, nem sequer de um halibute dos grandes, espécie que as pessoas começavam a apreciar, mas da própria morte, o velhote pescou a morte. O seu coração explodiu no preciso instante em que conseguiu içar a morte uma polegada acima da amurada, ou seja, o suficiente para lhe ver os olhos, dois buracos fundos e escuros. Assim foram os últimos instantes de vida do velho Guðmundur, essa força da natureza, e por essa altura um dos tripulantes de Oddur mudou-se para o Seyðisfjörður, é estranho mudar do fiorde mais belo para um fiorde muito pior, já não há esperança para certas pessoas, nada a fazer. Estas coisas acabaram por se conjugar bem, a morte e a mudança, e Oddur pôs Þórður a trabalhar a bordo. Tinha apenas dezasseis anos. Não terminou o seu treino e sobrepôs-se a muitos marujos de categoria. Oddur poderia facilmente ter contratado os melhores pescadores do Norðfjörður, ou mesmo de outro local, pertencer à tripulação de Oddur era considerado uma honra, Oddur era um pescador de mão-cheia respeitado pela sua força de carácter, que, por vezes, podia sem dúvida ser dura de enfrentar.

Pai e filho nunca falaram sobre isto, mas, pensando nisso agora, é possível que jamais tenham abordado outras coisas que não peixe, o mar, as montanhas, uma mosca num peitoril de janela e a importância do trabalho árduo, e é por isso que Þórður sabia, como se lho houvessem explicado ponto por ponto, que tinha de se manter firme, nunca se distrair nem trabalhar menos do que os tripulantes experientes,

de preferência deveria até esforçar-se ainda mais do que eles, e era essa a sua intenção, pois entusiasmo não lhe faltava. Estão em alto-mar, a cem quilómetros de casa, e Margrét sabe que Oddur está de olho no filho e que não o está a encorajar – está sobretudo a desafiá-lo. Ela não tem voto na matéria, a distância que separa a casa do mar é demasiado grande. Quando o velho Guðmundur morreu e o seu genro herdou o barco e o levou para o Reyðarfjörður, ela pensara, ou sonhara, com a possibilidade de Þórður vir a trabalhar em terra, de ele passar mais tempo em casa para gáudio de todos. Poderia fazer algumas leituras e até preparar-se para prosseguir os estudos, mas então Oddur deu a conhecer a sua decisão, que a todos surpreendeu, de incorporar o filho na sua tripulação.

Tinham-se deitado na cama e era quase uma noite de Inverno, ainda que pouco escura, porque o luar iluminava os fiordes e dificultava o adormecer, deitaram-se lado a lado e uma coisa levou a outra, como é natural, a mão esquerda dela começou a mexer-se com liberdade, enfiou-se sob a coberta dele e acariciou o corpo que ela conhecera no castelo da proa do *Sleipnir SU-382* muitos anos atrás. Desde então envelhecera, perderam alguma agilidade, passaram por certas dificuldades, muitas, na verdade, e, contudo, era ainda agradável deitarem-se assim, lado a lado. A noite, a verdadeira noite, está quase a cair sobre eles, e o luar ocupa-se de mudar o mundo. É-lhe agradável enviar a mão numa expedição e afagar braços musculosos, coxas robustas, acariciar-lhe o pénis, senti-lo intumescer-se na sua mão. Pouco depois, eram jovens outra vez.

Deviam ser duas da manhã, estavam exaustos, e ela, feliz, começou a adormecer. Oddur soergueu-se e disse com serenidade que ia levar Þórður consigo, no lugar de Guðjón, que, qual idiota, se mudara para o Seyðisfjörður. Vai correr tudo bem, disse ele. Tomara a sua decisão sem lhe dizer nada. Tudo bem, disse ele, e com isto pretendia afirmar que se podia confiar no filho, que ele era adulto, um homem. Por outras palavras, de um lado estamos nós e do outro estás tu. Finalmente, acrescentou, ele vem connosco até ao Hornafjörður, a viagem para sul vai dar-lhe experiência.

Margrét acabara de sentir o sémen quente de Oddur dentro dela, segurara-lhe a cabeça, beijara-o com fervor, mas nesse momento sentiu o coração endurecer como pedra. Oddur tomara a decisão sem

a consultar, como se de repente tivesse mais a dizer sobre Þórður do que ela, como se os dois pertencessem agora a um mundo que ela jamais poderia alcançar. Apesar de ser grande e forte para a idade, ele não passava de uma criança. O seu filho. O seu bebé querido. Um rapazinho de boa índole, meigo, com um olhar maroto e olhos azul-esverdeados, muito admirado pelos irmãos. Gunnar Tryggvi, o seu irmão mais novo, com oito anos, imita o jeito de caminhar de Þórður, tenta manter os olhos fixos no chão como o irmão mais velho, e Elín, a mais nova dos três, não vai para a cama antes de Þórður lhe contar histórias lidas algures ou inventadas do nada. Se há de facto bondade neste mundo, escreveu uma vez Margrét no seu diário, com orgulho maternal, podemos sem dúvida encontrá-la em Þórður. Como lhe irá correr a vida, sendo ele tão bom rapaz, um menino forte mas sensível e tão talentoso, que rumo tomará a sua vida? Terá oportunidade de chegar a algum lado, conseguirá crescer, libertar-se destas montanhas e do seu pai?

O director da escola visitara Margrét pouco mais de um ano atrás. Ela estava ajoelhada, pois cuidava de esfregar o chão, Elín não a largava nem a deixava em paz, queria subir-lhe para as costas, a mãe daria uma bela égua, quando o director apareceu. Ele bateu à porta, mas Margrét não ouviu nada por conta das balbúncias de Elín, que se sobrepunham ao som da escova com que esfregava o chão, e ele, com toda a naturalidade, entrou na casa, cumprimentou-a e foi direito ao assunto, como se pretendesse concluí-lo o mais depressa possível e logo se escapular dali, ou seja, em suma, ele queria que Þórður prosseguisse os estudos. Não se deve desperdiçar um talento daqueles, disse ele, e Margrét, ainda ajoelhada, numa posição estranha portanto, e furiosa com o homem por ter simplesmente entrado em sua casa sem pedir permissão, ela com as mãos vermelhas e inchadas, porventura de rosto corado por causa do esforço, de testa transpirada, respondeu-lhe de imediato e com brusquidão, quase com prepotência e, na verdade, contra a sua própria opinião: Então os que andam no mar desperdiçam a vida, é?

O director, que se chamava Þorkell e ressuscitou a escola de Norðfjörður, quase como se a fizesse brotar do nada, tinha uma vontade férrea, mas dava-se bem com toda a gente, sendo possivelmente esse um dos atributos mais importantes que se pode possuir.

Então os que andam no mar desperdiçam a vida, é?

Porkell olhou para Margrét, que vivera no Canadá durante oito anos e conhecia um mundo mais vasto do que aquele, um mundo com mais possibilidades do que as que se podem encontrar aqui, no meio das montanhas. Ver mais longe e mais do que a maioria das pessoas que nos rodeia, conhecer um mundo maior do que aquele que temos diante de nós, é uma bênção e uma maldição. Porkell faz o chapéu rodopiar nas mãos, abre a boca, hesita. Sabe bastantes coisas acerca de Margrét, ouviu histórias sobre ela, sobre os sentimentos extremados que a isolam, as mudanças repentinas de humor que vão da apatia melancólica à alegria, ou está de cama ou a dançar, contudo, em certas ocasiões ela manifestara a sua opinião em reuniões sobre assuntos laborais, fazendo-se notar por ter uma língua mais afiada do que a maioria dos presentes, mas não tinha ela, ao mesmo tempo, algo misterioso, como se não se revelasse por completo e ocultasse parte de si do resto do mundo? Sabia mais coisas do que a maioria das pessoas, percebia tudo e todos e, ainda assim, mantinha-se calada e nada dizia acerca do que sabia? Talvez por arrogância pura, pois tem fama de ser presunçosa, segundo certas histórias, correu nua para os braços de um agricultor e também caminhou descalça até à praia, entrando no mar com um bebé, para depois passar dias de cama e deixar a casa de pantanas. Oddur merecia melhor. Porkell faz o chapéu rodopiar. Sabe tudo isto, é daqui da zona, três anos mais novo do que Margrét, dois anos mais novo do que Oddur, a quem sempre respeitou timidamente, Oddur fora um grande líder na sua meninice, comportava-se como um adulto quando tinha apenas dez ou onze anos. Porkell faz o chapéu rodopiar na mão, Margrét está ajoelhada, esfrega o chão, não pára de esfregar o chão, embora ele tenha entrado na casa e esteja ali especado. Ele sorri a Elín, que lhe responde envergonhada, enfiando dois dedos na boca e fechando os olhos. Ele sabe que deveria ter batido à porta com mais força e chamado por alguém da casa, ao invés de entrar de rompante e estacar diante de Margrét. Porkell fita as mãos vermelhas e inchadas de Margrét, ele é casado, tem três filhos, ama a esposa, no entanto, Margrét é a mulher mais bonita que alguma vez viu, é essa a sua opinião desde que terminou os estudos em Reiquiavique e depois em Edimburgo. Saiu e conheceu mundo, mas regressou, sempre planeou regressar, não queria morar noutra sítio. Regressou e, pouco depois, num dia cinzento e chuvoso, um dia frio, chovia na planície, mas saraivava ou

nevava nas encostas das montanhas, os seus cumes embranquecidos com neve e gelo, estava imerso em papelada e trabalho e sentiu-se de súbito inquieto, teve de se escapular, caminhou até ao cais, e aí encontrou Margrét, que aguardava que o *Sleipnir*, o barco de Oddur, atracasse. O mundo era ainda tão jovem que ela esperava sempre por Oddur no cais. Ela avistara o barco a aproximar-se, saíra de casa sem vestir o casaco, agarrara num xaile no último instante e atirara-o sobre os ombros magros. Esperava-o, encharcada e apaixonada, no cais, o cabelo pendia-lhe sobre a fronte e as faces, manteve-se imóvel, de costas direitas, numa atitude nobre, e ele viu-a e recordou-se de uma fêmea de leopardo que vira num jardim zoológico de Londres, um animal orgulhoso mas irrequieto na sua jaula. Ele estacou acima do cais, obcecado e consciente de que, para sua tristeza, aquela visão o impediria para todo o sempre de alcançar a felicidade suprema.

Keflavík

— PRESENTE —

*Deus é um peluche velho
e hoje está um dia calmo aqui em Keflavík,
o que é raro*

«Diz o meu nome como só tu consegues dizê-lo, e saberei que existo.»

O Ari acorda com uma cantoria aparentemente vinda de muito longe. Demora algum tempo a acordar por completo, ou o suficiente para distinguir entre sono e estado de vigília, entre sonho e realidade, quiçá seja por esse motivo que pensa, conquanto por um só instante, que a cantoria não é deste mundo, que a noite se perdeu entre dois mundos e que, agora, os mortos estão a cantar, com doçura e beleza, para o ajudar a despertar, para o cobrir com carinho antes de a realidade o atingir. Então acorda por completo e lembra-se de onde está: encontra-se hospedado no Hotel do Aeroporto em Keflavík. É Dezembro, é impossível embrenhar-se mais na escuridão do Inverno, é insondável, no quarto contíguo alguém está a cantar. Na manhã do dia em que o Ari planeia visitar Jakob, o seu pai, que talvez esteja a morrer, a transformar-se numa canção no além ou em silêncio, em puro esquecimento, não sabemos qual prevalecerá quando morreremos, se a crueldade ou a bondade, a extinção ou um novo começo, não sabemos se Deus é um abraço cósmico ou um peluche velho da nossa infância. São quase oito e meia da manhã e alguém está a cantar no quarto contíguo. O Ari está deitado na escuridão e ouve uma mulher cantar o que lhe parece ser uma canção de embalar em inglês, ela canta como se reconfortasse alguém, e nem o cimento na parede nem a sua estrutura de aço, esses materiais sem vida e rígidos, conseguem abafar o carinho patente na sua voz. Ela canta com tamanha ternura que o Ari consegue somente discernir um verso, embora não tenha a certeza de o entender na perfeição: *Say my name, like only you can say it, and then I know that I exist*. Pega instintivamente no telemóvel, abre a caixa de entrada de mensagens, selecciona o nome Þóra e escreve o que ouviu: Diz o meu nome... Está prestes a enviar a mensagem, mas hesita e estraga tudo, pois ninguém deveria hesitar

nem pensar segunda vez quando se trata de amor. Pensamos demasiado, sentimos muito pouco – é essa a desgraça da Humanidade. O Ari suspira e guarda a mensagem como rascunho.

Lá fora o silêncio é quase total.

Está um dia calmo aqui em Keflavík, o que é raro. Uma calmaria destas não ocorria sobretudo no Verão, quando os dias eram, por vezes, tão límpidos que neles se podiam ler mensagens da eternidade? Que merda de calmaria, diziam as pessoas, porque o fumo da refinaria situada entre Njarðvík e Keflavík pairava sobre a vila e o fedor infiltrava-se em todos os edificios, parecia-nos que mergulháramos num nevoeiro denso, como se nos castigassem por conta do bom tempo, e as donas de casa que demoravam a levar para dentro as roupas que estavam a secar tinham de as lavar de novo para lhes tirar o mau cheiro. A refinaria há muito parou de refinar óleo de peixe, o grande edificio foi demolido e substituído por dois armazéns, num deles funcionou muitos anos um *stand* de automóveis, o outro foi construído apenas para ocupar o espaço, o que na altura pareceu uma boa ideia, mas hoje em dia estão ambos vazios, nada contêm além de silêncio e os raios de sol que conseguem entrar pelas janelas largas, cujas vidraças estão manchadas de salitre. O *stand* de automóveis faliu após a crise económica de Outubro de 2008, tal qual muitas empresas semelhantes, embora alguns *stands* tenham sobrevivido aqui em Keflavík e Njarðvík, e estejam de novo a recuperar terreno, na verdade, em nenhum outro local do país há mais *stands* e carros por habitante do que aqui, é um dos recordes nacionais de que nos orgulhamos. A maior parte das famílias em Keflavík tem dois ou três carros, e quando se aborrecem de um carro, vendem-no para comprar um novo, de preferência comprando-o logo no dia seguinte ao da venda da sua viatura. Os habitantes de Keflavík aborrecem-se amiúde hoje em dia, a quota pesqueira pertence ao passado, o exército americano partiu, Rúnni Júll morreu, pouco sobrou além do desemprego e dos três pontos cardeais – vento, lava, eternidade –, e vender um carro e comprar outro que o substitua é, por conseguinte, uma ideia brilhante, porque pelo menos assim acontece alguma coisa, tanto nas nossas vidas quanto na carreira profissional do vendedor de automóveis, e Keflavík torna-se de imediato um lugar melhor.

A Hafnargata está vazia, no entanto, o Ari cruza-se com alguns carros, são quase onze da manhã, ele demorou muito tempo a levantar-se,

a canção de embalar imobilizou-o, manteve-se deitado e à escuta até a mulher parar de cantar. Depois acendeu a luz e viu tudo, o artigo de Sigga na mesa, a carta da madrastra debaixo da garrafa de uísque, a carta que soube de imediato ser incapaz de ler antes de visitar Jakob, não tinha coragem, não se atrevia a lê-la, viu as fotografias dos seus três filhos – Hekla, Sturla, Gréta –, o certificado de honra de Oddur, a capa amarela com cartas, fotografias, recortes, poemas, fragmentos de poemas e os dois sacos de compras feitas na zona livre de impostos do aeroporto cheios de guloseimas, como se houvesse viajado noutra época, como se os seus filhos fossem ainda pequenos e o aguardassem em casa, como se Þóra também esperasse por ele, como se ele pertencesse a um lugar. Os sacos mais se assemelhavam a uma recordação que houvesse deitado fora, a uma acusação de fracasso na vida, como se o acusassem de não ter conseguido aproveitar a vida ao máximo. Os que fracassam nunca estão a salvo, e até sacos cheios de guloseimas se podem transformar em acusações.

Uma carrinha grande desce a Hafnargata, abranda ao aproximar-se do Ari, o condutor lança-lhe um olhar prolongado, curioso, quase hostil, como se o Ari lhe tivesse feito algo horrível ou falado mal de Keflavík. A carrinha desliza na estrada coberta de gelo, como se o condutor tivesse carregado no pedal do travão com a intenção de parar, e o Ari, um pouco afogueado, continua a caminhar rumo à porta seguinte, mas hesita quando vê o cartaz no qual se lê «Massagens». A luxúria percorre todo o seu corpo como uma corrente eléctrica.

Fecha os olhos.

Porque somos tão vulneráveis ao impulso sexual, porque não o conseguimos guardar no bolso e retirá-lo apenas quando nos convém? Já se deu o caso de, sob o impulso sexual, como é frequente acontecer-lhe, tal qual a todas as outras pessoas, sendo que mal nos apercebemos do que fazemos num dia específico, de onde nos encontramos nas nossas vidas, se o nosso sangue flui com desejo de algo atraente, excitante, algo animalesco ou sensual, já se deu o caso de o Ari ter pesquisado na Internet a expressão «massagem erótica», e é por isso que aquele cartaz inocente onde se lê «Massagens» tem sobre ele um efeito desconfortável. Abre os olhos, toca no puxador da porta, ouve a carrinha acelerar bruscamente, como se fugisse do local, como se o condutor não quisesse ver o que está a acontecer, e desaparece ao longo da Hafnargata. A porta está trancada. Ainda bem,

pensa o Ari, sente alívio, mas uma voz masculina e rouca quebra o silêncio:

Tem marcação, amigo?

O Ari vira-se e vê um homem no vão de uma porta duas casas abaixo, o homem fita-o e, ao constatar que o Ari não lhe responde, acrescenta: A minha querida Snæfríður não está, mas posso ligar-lhe se for preciso, se... – o homem cala-se, olha para baixo, como se procurasse a palavra certa – se precisar de se soltar um bocado. Um silêncio profundo cai sobre a Hafnargata, como se a rua mal se conseguisse manter acordada apesar de, aqui e acolá, estarem acesas alegres iluminações de Natal, como se Keflavík enviasse uma mensagem ao mundo, ou ao próprio Pai Natal, pedindo-lhe que traga um presente realmente importante: trezentos postos de trabalho, uma quota pesqueira, uma fundição de alumínio, uma lixeira em Helguvík, ou então que Snæfríður acorde e com ela traga as suas mãos macias e reconfortantes.

O Ari acerca-se do homem, estuga o passo para evitar que ele fale alto de novo, para evitar atrair as atenções, e diz, ao acercar-se dele: Não, não, não é mesmo preciso ligar-lhe, não tenho marcação, não sabia que isto era um centro de mensagens e, para dizer a verdade, não sei ao certo porque tentei abrir a porta. O homem vê o Ari aproximar-se, semicerra os olhos, como se estivesse a reflectir, e mexe os lábios de tal modo que não é fácil determinar se quer cuspir ou sorrir. E então, achas que foi a tua paixão por livros que te guiou a mão?, diz ele com um sorriso largo, com o qual exhibe os seus dentes, os seus dentes compridos e amarelos, grandes como os de um cavalo. Foda-se, diz o Ari, que estaca de repente, és tu, Svavar?! O homem dá uma das suas gargalhadas equinas e, sim, é Svavar, com quem o Ari e eu trabalhámos na seca e salga de peixe em Drangey, em Sandgerði, entre os inícios de 1981 e o Outono de 1982, há pouco mais de trinta anos, céus, como o tempo passou. Caraças, como passa depressa, há maneira de o abrandar um pouco? Sim, meu, diz Svavar com entusiasmo, tão alto e com o cabelo tão preto como outrora, ali está ele com o seu pescoço comprido, a sua enorme traqueia mais parece uma criatura independente, um animalzinho que ele não conseguiu engolir por inteiro, costumava ser tão magricela que as mulheres de Drangey estavam sempre preocupadas com ele, queriam saber se ele comia o suficiente, se o almoço que levava na marmita era satisfatório, ele

comia como um passarinho. É incrível ainda estares vivo, diziam elas, preocupadas. Algumas delas conseguiram, por fim, convencer Svavar a comer mais, mas talvez tenham sido demasiado convincentes, porque ele tem agora uma grande pança, o bandulho estica-lhe a *t-shirt*, na qual está estampada uma imagem do porto de Keflavík vazio com uma pergunta escrita por baixo: «Já visitou Keflavík?» Sim, meu, repete Svavar ao esfregar as suas grandes mãos, como se quisesse acrescentar: Agora sim, estamos a divertir-nos! Sim, meu, sou eu, jeitoso como sempre, e este é o meu reino, o meu escritório e a minha loja! Ele faz um gesto como que querendo atrair a atenção do Ari para as vitrinas cheias de papagaios-do-mar, pedras-pomes, fotografias de Reykjanes, do farol de Reykjanes, da Lagoa Azul e da banda musical Hljómar: *The Icelandic Beatles, only better!* O que eu queria dizer é que a Snæfríður raramente se levanta antes do meio-dia nos meses mais escuros, gosta de dizer que o Diabo inventou as manhãs de Inverno. Que achas do nome do salão de massagens? A ideia foi minha, pensei em ti quando me ocorreu, e tenho pensado em ti desde então, não sei porquê, só esperava ver-te aí, debaixo da placa, mas caramba, meu amigalhaço, é fantástico ver-te outra vez, não mudaste nada, só ficaste um pouco mais feio, como se já não fosses feio o suficiente!

Svavar mostra um sorriso largo, dá uma risadinha, e o Ari sorri-lhe de volta, está feliz por rever aquele sorriso do passado, aqueles dentes, aquele homem, e então vira-se e olha para a placa colocada acima da entrada do salão de massagens: «Snæfríður Íslandssól: Salão de Massagens».

É incrível como os anos passaram, meu, continua Svavar, e tu agora és tão famoso, sim, és a única pessoa famosa que conheço, para te ser sincero, e é por isso que te devia abater aqui mesmo, embalsamar-te e expor-te na vitrina como uma das personalidades de Keflavík. Caramba, vou fazer-te um café, diz ele, dá meia-volta e entra em casa sem se certificar de que o Ari o está a seguir, coisa que este faz, claro, depois de observar a rua na direcção do Cinema Novo e lançar um olhar às iluminações de Natal, que piscam como se tentassem manter-se acordadas.

Depois de se sentarem numa salinha nas traseiras da loja, Svavar faz café e fala ao Ari da sua amiga Snæfríður, que conheceu quando ela comprou a loja com a intenção de aí abrir um salão de massagens. Não

teve dificuldade em conseguir crédito, apesar de o ter pedido pouco depois da crise económica, quando o país parecia completamente falido, com excepção, é claro, da indústria pesqueira, os reis das quotas podiam encher piscinas com dinheiro enquanto todos os outros tinham de comer o que caísse morto nas ruas. Contudo, fazendo uso do seu charme, Snæfríður conseguiu que lhe concedessem um empréstimo e arrendou a loja por um preço ridículo de tão baixo. No entanto, sempre se debateu com o nome do espaço.

Então, e não sei bem porquê, pensei em ti, diz Svavar. Tinha acabado de ver uma fotografia tua no jornal, disseram que és um editor ambicioso, chegaram mesmo a chamar-te tesouro nacional, e ainda por cima poeta, e lembrei-me da última vez que nos vimos, há tantos, tantos anos, uma pena, andavas obcecado com *O Sino da Islândia* do Laxness e tinhas uma paixoneta pela Snæfríður Íslandssól. Até tinhas escrito um poema sobre ela, no qual lhe chamaste «o sonho loiro da Primavera». Lembrei-me de repente deste nome para o salão: «Snæfríður Íslandssól: Salão de Massagens». Desde então, à Snæfríður, a vida tem-lhe corrido de feição, não lhe faltam clientes e está rija como um pêro. Corre sete quilómetros três vezes por semana, tem quase cinquenta anos, mas ainda está em forma, parece um modelo, e aquele cabelo loiro e comprido dela é tão bonito que é como se fosse sempre Verão onde ela está. Quer dizer, isto depois de tomar as suas cinco canecas de café de manhã. A única coisa que lhe falta é um bom homem, embora não lhe faltem candidatos, ela foi sempre bonita e atraente, os americanos da base andavam à bulha por causa dela quando trabalhava lá. Andavam mesmo ao soco e deixavam-lhe cartas de amor, pediam-lhe para sair com eles, ofereciam-lhe as suas vidas, um deles tentou enforcar-se com um cabo eléctrico quando ela o rejeitou, mas salvaram-no no último segundo e ainda o despromoveram. Um soldado pode matar toda a gente menos a si próprio. Caraças, a Snæfríður pode ter um feitio complicado nas manhãs de Inverno, não te podes aproximar dela sem colete à prova de bala e capacete.

Mas aqui tens café a sério, vindo directamente do Haiti, diz Svavar, que serve uma caneca com líquido negro ao Ari e pousa um pacote de bolachas *Homeblest* na mesa, no rádio ligado algures, ouvem-se canções *pop* clássicas, eu amo-te, onde estás, está a chover, dá-me a mão. As canções, as confissões de amor e o arrependimento são

interrompidos regularmente pela publicidade à própria estação de rádio, que mais parece um pedido desesperado de ajuda aos seus ouvintes: Não me desligue! Não mude de estação! O Ari bebe um gole do café forte, fecha os olhos por um momento e envia a Póra um pedido mental de sos: Não me desligues!

Depois de um período em Copenhaga, Ari regressa à sua cidade natal de Keflavík, na Islândia, para se reencontrar com o pai, a quem resta pouco tempo de vida. Porém, o muro de silêncio que os separa desencadeia uma viagem ao passado, em busca de palavras que combatam o esquecimento e a escuridão que a morte deixa. Nesta história, os destinos de três gerações cruzam-se num país de pescadores rodeado por um mar que dá e tira a vida, por uma natureza dura e austera, sob um céu que convida ao sonho e à poesia. A felicidade e o infortúnio são transmitidos de pais para filhos, de avós para netos, numa família que espelha uma nação em mudança ao longo do século XX e em cujas histórias de amor, morte, coragem e covardia ressoam as vozes imortais da Literatura e da Música.

«Graças à sua escrita firme e ao seu brilhante talento, Stefánsson destaca-se entre os autores contemporâneos.»

La Stampa

«A escrita de Jón Kalman Stefánsson assemelha-se ao seu país de origem: dura, despojada, sublime.»

Les Inrockuptibles

«O romancista mais poético da Islândia.»

The Spectator

ISBN 978-989-668-814-1
9 789896 688141



cavalo de ferro